

OS HOMENS DA COLINA - A FUNDAÇÃO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA EM UMA ANÁLISE SOCIOECONÔMICA DE SEUS FUNDADORES

THE HILL'S MEN - THE FOUNDATION OF THE CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA IN A SOCIOECONOMIC ANALYSIS OF ITS FOUNDERS

GUILHERME GIESTA FIGUEIREDO*

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo preliminar evidenciar quem foram os principais personagens na fundação do Club de Regatas Vasco da Gama, no ano 1898, bem como destacar suas ocupações e ofícios, através de uma análise do perfil socioeconômico desses fundadores. Há também a necessidade de verificar a correlação entre antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro e a criação do clube em resposta a este possível efeito. Nesta pesquisa utiliza-se da criação de bancos de dados para traçar as trajetórias socioeconômicas com o intuito de analisar as proveniências dos capitais pertencentes aos sócios fundadores. Para isso, consultou-se em determinados periódicos da época: o *Jornal do Commercio*, o *Diário do Rio de Janeiro* e também o *Almanak Laemmert*, todas essas fontes disponíveis no site da Biblioteca Nacional. Foi também feita minuciosa pesquisa na Base de Dados da Entrada de Estrangeiros no Brasil – Porto do Rio de Janeiro, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e também no Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama.

Palavras-chave: Antilusitanismo; Club de Regatas Vasco da Gama; Imigração Portuguesa.

Abstract: The preliminary goal of this research is to highlight who were the main characters in the foundation of the Club de Regatas Vasco da Gama in 1898, as well as to show their occupations and crafts through an analysis of the socioeconomical profile of such founders. There is also a need to verify the correlation between the antilusitanism in the city of Rio de Janeiro and the creation of the club as a response to such fact. In this research, the creation of databases is used to trace the socioeconomic trajectories in order to analyze the origins of the capitals belonging to the founding partners. For that, it was consulted in certain periodicals of the time: *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* and also *Almanak Laemmert*, all of these sources available on the National Library website. A thorough search was also carried out in the Database of Entry of Foreigners in Brazil - Port of Rio de Janeiro, in the General Archive of the City of Rio de Janeiro and also in the Memory Center of Club de Regatas Vasco da Gama.

Keywords: Antilusitanism; Club de Regatas Vasco da Gama; Portuguese Immigration.

Introdução

* Mestrando em História Contemporânea pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), bolsista CAPES. (E-mail: guilherme_giesta@id.uff.br).

O presente artigo busca trazer a discussão acerca da fundação do Club de Regatas Vasco da Gama em 1898. Mais especificamente sobre os 187 nomes que constavam no documento de filiação ao clube, construindo e traçando um perfil socioeconômico dos fundadores do Vasco. Parto do empenho de estudar a formação de uma tradicional agremiação esportiva através da ótica da História Econômico-Social pois acredito que a composição econômica do grupo que deu origem ao clube é bastante variada e está ligada principalmente aos movimentos migratórios vindos de Portugal na segunda metade do séc. XIX, e já é amplamente discutida na historiografia atual a importância dos imigrantes na formação social brasileira. Neste cenário também é verificada a narrativa memorialista que existe a respeito da fundação do clube: que supostamente seria constituído de maneira exclusiva por trabalhadores do setor comercial e empregados do comércio, portugueses e luso-descendentes. Por último, mas não menos importante, o artigo tem como objetivo correlacionar a origem do Vasco da Gama com a forte imigração portuguesa nas décadas de 1880 e 1890 e com o sentimento de antilusitanismo instaurado na cidade do Rio de Janeiro. Somados todos esses objetivos, é possível ainda tentar identificar novas dinâmicas entre o trabalho e as associações culturais e esportivas na cidade do Rio de Janeiro durante a Primeira República, sendo possível observar também novas perspectivas de como a imigração portuguesa causou impactos econômicos, culturais e sociais na então capital do Brasil.

Há um crescente número de estudos relacionados à história do futebol. Não é uma surpresa que tal fenômeno desperte o interesse de diversos pesquisadores e muitos trabalhos dispõem hoje no meio acadêmico. Porém, afirmo categoricamente que neste artigo não desejo limitar a pesquisa aqui apresentada somente ao mundo futebolístico. A criação do Club de Regatas Vasco da Gama e, por consequência, a análise do perfil socioeconômico de seus fundadores é o cenário escolhido para um estudo mais aprofundado sobre a imigração portuguesa na cidade do Rio de Janeiro, desde 1898 até seu declínio em 1930.

Uma vez que se propõe tratar sobre imigração portuguesa no Brasil, é imprescindível não citar e referenciar importantes obras da historiografia brasileira, para que, através de um diálogo entre novas e consolidadas perspectivas, seja possível abordar de maneira única este tema. Eulália Lobo, nome ímpar da História Econômica no Brasil, em seu livro *Imigração Portuguesa no Brasil*, nos mostra novas abordagens acerca da imigração lusitana, que à época ainda era muito defasada em comparação com os estudos sobre as imigrações italianas e alemãs no Brasil, por exemplo. Segundo a autora, “no início do século XX, a imigração tende a se

concentrar no eixo São Paulo-Rio de Janeiro”.¹ Esses movimentos migratórios citados pela autora dizem respeito principalmente às massas de trabalhadores vindas de Portugal, Espanha e Itália. Nesse eixo, os trabalhadores imigrados da Espanha e da Itália instalaram-se majoritariamente no estado de São Paulo, onde a demanda por uma mão de obra mais especializada na cafeicultura fazia-se necessária. Por sua vez, os trabalhadores portugueses em sua maioria aportavam na cidade do Rio de Janeiro. “O Rio de Janeiro como capital da República, sede do governo, maior centro bancário e comercial do país e cidade pioneira da industrialização, atraía os emigrantes.”² Tratarei de discutir mais detalhadamente sobre os números fomentados pela imigração portuguesa mais à frente neste trabalho. Mas, pode-se ter aqui uma breve percepção de como esse movimento de trabalhadores impactou a cidade do Rio de Janeiro, que chegou a ser composta por 20% de habitantes lusos natos.³

Ainda na esteira dos estudos sobre imigração portuguesa, destaco os trabalhos de Gladys Sabina Ribeiro e suas pesquisas acerca do conceito de antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro, principalmente sua obra: *O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas: O antilusitanismo na Primeira República*. Esse conceito diz respeito à aversão e hostilidade aos portugueses, sua língua e cultura. Este fenômeno é observado e estudado pela historiografia estando presente em vários momentos da história brasileira e em diferentes localidades do Brasil, sendo empregado por motivos diferentes, mas sempre visando à hostilidade contra o povo e a cultura lusitana. Durante a Primeira República, o antilusitanismo esteve presente tanto na política quanto no dia a dia dos trabalhadores portugueses e luso-descendentes, e na cidade do Rio de Janeiro ganhava características de uma competição comercial: “Em muitos casos, os portugueses eram acusados de ocupar os empregos destinados aos nacionais, de explorar a população por meio de práticas extorsivas nos preços e do roubo nos pesos nas medidas.”⁴ Tratarei também à frente de maneira detalhada sobre os desdobramentos desse conceito e como ocorria por vezes, além dos motivos econômicos e comerciais que geraram tal sentimento xenófobo.

Por último, mas não menos importante, cito aqui o trabalho de João Manuel Casquinha Malaia Santos: *Revolução Vascaína (1915-1934): a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses no Rio de Janeiro do início do século XX*. Este trabalho constitui-se como uma das mais completas abordagens acerca do Club de Regatas

¹ LOBO, *op.cit.*, p. 23.

² LOBO, *op.cit.*, p. 23.

³ LOBO, *op.cit.*, p. 141.

⁴ RIBEIRO, Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas: O antilusitanismo na Primeira República**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017, p. 25.

Vasco da Gama, trabalho angular para entender esta agremiação e que tomo como apoio para estudar a origem específica dos fundadores desta associação esportiva. O trabalho de João Casquinha é fundamental, uma vez que ele se esforça em relatar no primeiro capítulo de sua obra como a cidade do Rio de Janeiro e a população carioca se relacionavam com os esportes e logicamente com as associações esportivas. O futebol, que posteriormente seria o principal destaque do clube, só foi introduzido anos mais tarde. As regatas, por sua vez, eram realizadas por membros da alta sociedade carioca em eventos exclusivos da elite. O Brasil, que vivia os primeiros anos de uma experiência republicana, e o Rio de Janeiro, que justamente era a capital, passaram por transformações na virada do século. Os esportes praticados assumiram características das ideologias burguesas e aristocráticas da época, além de mitificar os valores nas competições. As reformas que foram realizadas no Rio de Janeiro nesse período também atenderão a esses esportes. “Não foi à toa que um dos pontos mais importantes da reforma urbana da cidade foi a inauguração, em 1905, do Panteão de Regatas, local apropriado para receber um grande público para as corridas de embarcações cariocas.⁵” Desta forma, pode-se perceber a importância de estender os olhares atentos a esses estudos, principalmente por se tratar de uma abordagem ainda pouco estudada.

Com base em todos esses autores citados, ainda busco problematizar a visão memorialista de duas obras institucionais do clube, são elas: *Club de Regatas Vasco da Gama Memória do cinquentenário: 1898-1948* e *Club de Regatas Vasco da Gama Histórico: Primeiro volume 1898-1923*. Publicados em parceria com o clube por Candido Fernandes de Carvalho e José da Silva Rocha, ambos memorialistas que tinham como proposta deixar como registro os grandes feitos do clube. É a partir desses textos que surgem as narrativas sobre a origem do clube ligada ao comércio, tendo seus fundadores ligados a esse meio, de menor ou maior capital, mas ligados a esse setor da economia da cidade. Essa narrativa é tida como “oficial” por torcedores e entusiastas do clube. A questão a se verificar pode ser unida à problemática da imigração portuguesa. Desta forma é que pretendo unir e trabalhar os três temas centrais: a imigração, a economia e a criação do Club de Regatas Vasco da Gama.

A ideia de construir um banco de dados no qual seria possível realizar uma análise socioeconômica dos fundadores do Vasco da Gama partiu da ausência de pesquisas ligadas a essa área e principalmente a essa temporalidade. O trabalho de João Casquinha, por exemplo,

⁵ SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 25. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26102010-115906/publico/2010_JoaoManuelCasquinhaMalaiaSantos.pdf. Acesso em: 23 fev. 2023.

apesar de ser uma das principais obras historiográficas sobre o clube, tem um enfoque maior na prática do futebol e principalmente nas questões ligadas à luta pelo direito de profissionalização dos atletas negros. O próprio autor pega emprestado o termo “Revolução Vascaína”, que foi popularizado por Mario Filho em seu livro *O negro no futebol brasileiro*, para ilustrar a importância desse feito.

O Rio de Janeiro e os *sports*

Com a fundação do Club de Regatas Vasco da Gama, o Rio de Janeiro ganhava, dessa forma, mais uma associação esportiva em seu cenário de transformações turbulentas. Os *sports*, como eram chamados nos jornais da época, eclodiram aos montes na então capital do país. “Os esportes já eram vistos no início do século XX como uma das principais expressões do mundo desenvolvido, industrializado, competitivo.”⁶ As atividades esportivas não eram mais vistas como meras práticas recreativas. Eram também uma forma de inserção e disputa social, uma vez que era dada grande visibilidade aos esportes. Os valores impressos nos esportes eram símbolos da modernidade, do então chamado mundo moderno das capitais europeias, que a cidade do Rio de Janeiro tentava absorver e difundir na sociedade carioca do início do século XX. Começa-se também a combater o caráter de jogo de azar (com a exclusão crescente das apostas das regatas) e a se afirmar uma característica de “prática saudável”, tanto física quanto moral em relação aos *sports*.⁷

Eric Hobsbawm, ao discorrer sobre o futebol na Europa, afirmou que “sua estrutura socioeconômica, porém, é mais compreensível. A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e, portanto, profissionalizado [...]”⁸ Essa explicação trazida por Hobsbawm relaciona-se de forma próxima com o movimento de criação do Vasco da Gama, que trouxe às classe sociais mais pobres a prática do remo.

Ainda a exemplo deste esporte moderno que surgia na Europa, é possível destacar a formação das “Olimpíadas Modernas”, na França, anos antes.

Nos esportes, em geral, destaca-se a invenção dos “jogos olímpicos modernos” e toda a sua parafernália ideológica de autenticação, em especial a partir da organização da

⁶ SANTOS, *op.cit.*, p. 18.

⁷ MELO, Victor Andrade de. Remo, Modernidade e Pereira Passos: Primórdios das Políticas Públicas de Esportes no Brasil. **Esporte e Sociedade - Revista do Núcleo de Estudos sobre Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 6, jul./out. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/47997/27908>. Acesso em: 23 fev. 2023.

⁸ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 297.

Olimpíada de 1896, em Atenas, por iniciativa do então secretário geral da União das Sociedades Francesas de Esportes Atléticos (USFSA), Pierre de Coubertin.⁹

Muitos desses esportes estavam ligados à aristocracia carioca. Um dos maiores pontos de encontro da elite carioca era o poderosíssimo Jockey Club, fundado em 1868. O espaço servia para o entretenimento esportivo e para a realização de bailes, festas e encontros no carnaval. Posteriormente, o ponto virou o Derby Club, fundado em 1885. Diversos colégios e clubes constituíam-se em espaços restritos de formação, lazer e sociabilidade em relação aos esportes. Nesses espaços pretendia-se representar a pretensa superioridade da elite da sociedade brasileira, que procurava se fortalecer, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do afastamento dos demais setores sociais.¹⁰ É nessa época que algumas modalidades esportivas encaminhar-se-ão para determinadas classes sociais. “No Rio de Janeiro o turfe era também uma atividade da aristocracia, e o remo seria o esporte mais ligado à classe média.”¹¹

O Rio de Janeiro assumia então o papel de uma capital dos esportes no início do século XX. Outros esportes surgiram no panorama cotidiano com as reformas de Pereira Passos e Rodrigues Alves. Com a abertura de ruas, surgiram diversos circuitos para corridas a pé, ciclísticas e automobilísticas. Outro importante fato que destacar deve ser destacado é o desenvolvimento dos meios de transporte na cidade do Rio que ajudaram na popularização dos esportes:

O desenvolvimento dos meios de transporte daria ainda maior impulso às atividades esportivas, interligando os pontos distantes da cidade aos locais onde eram organizados os espetáculos esportivos, principalmente as corridas. Em 1892, a Companhia Ferro Carril Jardim Botânico implantou os bondes elétricos ligando o Centro ao Largo do Machado e posteriormente interligando os bairros de Laranjeiras, Botafogo, Jardim Botânico e Gávea. Em 1890 a rede de bondes do Rio percorria um total de 251.435 Km, com 1.546.834 viagens, transportando 47.519.083 passageiros, e esses números não paravam de crescer.¹²

Uma verdadeira febre esportiva tomou conta do Rio de Janeiro, tudo em nome da “ordem social competitiva”. Porém, é numa específica “febre” que o Vasco da Gama surgiria: A “febre do remo”, como disse José Lopes de Freitas, o Zé da Praia, um dos fundadores do clube e que posteriormente viria a ser cronista do *Jornal do Commercio*. “O Remo, começou então a ser conhecido e a descer do seu retiro em Botafogo para a cidade [...] começou a falar-

⁹ RIBEIRO, Luiz Carlos. A modernidade do futebol na História. *Revista Vozes, Pretérito & Devir* - Dossiê Temático: História dos esportes, ano 4, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/WINDOWS/Downloads/90-194-1-SM%20(3).pdf. Acesso em: 24 fev. 2023.

¹⁰ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 65.

¹¹ SANTOS, *op.cit.*, p. 27.

¹² *Ibidem*, p. 23.

se num novo clube, no centro comercial.”¹³ Nas últimas décadas do século XIX, muitos foram as agremiações de remo surgidas no Distrito Federal. Temos, por exemplo, a formação da União de Regatas Fluminense, em 1897, cuja finalidade era organizar o campeonato da cidade do Rio de Janeiro.

A capital ebulia gradativas mudanças e trajava-se com ares de modernidade e progresso. Ela encantava-se com a *Belle Époque* e a presença dos imigrantes, principalmente o português, o que é um ponto de suma importância para que se possa compreender as várias facetas dessas mudanças que ocorriam com a sociedade carioca.

O fim do século XIX não se caracterizou apenas pela multiplicação das fábricas no Rio de Janeiro. Outra face da mesma moeda, coincidiu também com o esgotamento do sistema escravista, com o conseqüente declínio da atividade cafeeira na Província do Rio de Janeiro e com o grande afluxo de imigrantes estrangeiros. Resultou daí um processo de crescimento populacional acelerado via migração, que agravou consideravelmente o problema habitacional da cidade, pois levou à um adensamento ainda maior dos cortiços e ao recrudescimento das epidemias de febre amarela que assolavam a cidade periodicamente.¹⁴

Importante ressaltar o processo de industrialização que a capital do Brasil passava nesse período, com grandes investimentos públicos e privados.

O Rio de Janeiro reunia, assim, um elenco de condições favoráveis ao surto industrial ocorrido no início dos anos noventa, que deu origem aos primeiros segmentos tipicamente fabris, na acepção clássica das revoluções industriais que marcaram o advento do capitalismo na Europa. Produziam bens de consumo corrente (tecidos, alimentos, calçados, bebidas etc.), e estavam inseridos numa estrutura produtiva que, em seu conjunto, também se expandiu, reproduzindo suas características artesanais ou manufatureiras.¹⁵

O Rio de Janeiro caracterizava-se como um caldeirão de mudanças em que o passado ainda presente e o futuro próximo se confrontavam. Segundo João Casquinha, a capital “passava, portanto, não só por transformações na ordem econômica, com o advento das indústrias e a consolidação do capitalismo, mas também por mudanças na ordem política, social e cultural”.¹⁶

O Antilusitanismo na sociedade carioca e o Associativismo Português

A dificuldade de acesso à terra, a limitada oportunidade de trabalho urbano, em virtude do lento processo de instalação do capitalismo, a precária condição de vida e

¹³ Essa frase é muitas vezes atribuída a José Lopes de Freitas, conhecido como “Zé da Praia”, um dos fundadores do Club de Regatas do Vasco da Gama. Porém, não foi possível identificar sua origem exata. O historiador Walmer Peres Santana utiliza-se dessa citação em uma publicação do Centro de Memória Vasco da Gama: [https://vasco.com.br/conteudo/remohistoria/#:~:text=A%20%E2%80%9Cfebre%20do%20remo%E2%80%9D%20vai,Lopes%20de%201945%20s.p.\)](https://vasco.com.br/conteudo/remohistoria/#:~:text=A%20%E2%80%9Cfebre%20do%20remo%E2%80%9D%20vai,Lopes%20de%201945%20s.p.)).

¹⁴ ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997, p. 57.

¹⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. p. 173.

¹⁶ SANTOS, *op.cit.*, p. 19.

de saúde pública, o risco do serviço militar no país natal [...] faziam o emigrante arrostar a exploração nos preços das passagens, os riscos da travessia do oceano em condições de falta de higiene, espaço e alimentação adequados, os abusos dos agentes e companhias de engajamento nos preços do transporte e nos contratos de trabalho, a dificuldade de controle do cumprimento das leis e contratos no Brasil, pelos cônsules portugueses.¹⁷

Numa sociedade carioca que importava modos e maneiras de agir e pensar das capitais francesas e inglesas, somadas a conflitos de um passado colonial de disputas em campos políticos, a presença do imigrante português destoa neste cenário. Dos emigrados portugueses neste período que chegavam ao Brasil, cerca de 60 a 80% deles chegavam pelo porto do Rio de Janeiro,¹⁸ de modo que a cidade chegou a ser composta por 20% de habitantes lusos natos.¹⁹ Em 1890 a cidade do Rio contava com 522.651 habitantes, dentre estes, 87.668 eram portugueses, número corresponde a aproximadamente 17% da população carioca. Este número pode não representar a totalidade da comunidade portuguesa na cidade, uma vez que os filhos de portugueses nascidos no Brasil à época eram cadastrados nos recenseamentos como sendo brasileiros. Contudo, sua cultura, seus costumes e a comunidade em que estavam inseridos eram lusitanas. Esse processo de naturalização era bem comum no Brasil, porém, é fator de grande importância para se entender os dados apresentados. Os imigrantes portugueses que desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro eram originários principalmente das regiões norte de Portugal como: Aveiro, Braga, Porto, Coimbra, Guarda, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.²⁰

Ao longo de todo o século XIX e até as três primeiras décadas do século XX, o imigrante português tornou-se uma figura chave no cenário econômico-social tanto do Brasil, num todo, quanto em específico na cidade do Rio de Janeiro. Porém, engana-se aquele que pensa na figura colonial do português, na caricatura do colonizador e nobre abastado ligado à Coroa. O imigrante português dos séculos XIX e XX nada se assemelha com um nobre da corte, a única característica em comum dessas duas figuras é o solo lusitano no qual nasceram.

[...] a situação de ex-colônia e os conflitos inerentes a essa relação, a língua e os costumes comuns acabaram por trazer uma espécie de “invisibilidade” a essa imigração, mascarando, inclusive, as diferenças que subsistem em seu interior. Em outras palavras, nem sempre os portugueses são reconhecidos como imigrantes e, conseqüentemente, não tiveram a sua presença e o seu legado estudados sistematicamente.²¹

¹⁷ LOBO, *op.cit.*, p. 19.

¹⁸ ALVES, Jorge Fernandes. **Os brasileiros: Emigração e retorno no Porto oitocentista**. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1993. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7036/3/obrintegral000060978.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

¹⁹ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

²⁰ *Idem.*

²¹ MARTINS, Ismênia de Lima. Relações e registros sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro: Uma análise crítica das fontes. p. 69. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; PEREIRA, Conceição Meireles

Na recém proclamada república, a questão da cidadania e da naturalização repetiu o mesmo molde da Constituição de 1824, atribuindo cidadania brasileira imediata a todos os estrangeiros. “A Constituição da República de 1891 dava aos estrangeiros, residentes no Brasil em 15 de novembro de 1889, a cidadania brasileira imediata, salvo manifestação contrária que deveria ser registrada em cartório.”²² Com apenas sete anos de diferença entre a Constituição da República de 1891 para a fundação do clube em 1898, é possível que grande parte dos portugueses *de facto* fossem brasileiros *de jure*. Por esta questão, muitas vezes durante a pesquisa enfatiza-se a importância da cultura portuguesa para os luso-descendentes na criação de laços com sua terra natal.

Esses laços estariam apoiados na existência de redes de difusão de informação, suportadas por formas de agregação social que variam entre redes familiares, redes de vizinhança / de simples conhecimento ou redes profissionais. A manutenção desses tipos de “laços” facilitaria no estrangeiro a reconstituição de comunidades da mesma procedência geográfica.²³

Ainda sobre a cultura lusa, outro apontamento de grande importância são os casamentos entre brasileiros e brasileiras com portugueses e portuguesas: “[...] segundo o censo de 1890, 120.983 habitantes da capital eram filhos de pai e mãe portugueses; 2.895 de pai brasileiro e mãe portuguesa e 37.325 de filhos de mãe brasileira e pai português.”²⁴ Desta forma, em 1890 a cidade do Rio de Janeiro possuía 522.651 habitantes, dos quais 267.664 representavam imigrantes portugueses e seus descendentes. Dessa forma, os números oficiais do censo mostram que apesar da maioria da população ser classificada como brasileira, mais da metade da população estava inserida em um contexto de cultura lusitana. Nativos ou não de Portugal, fato é que tanto os imigrantes que vieram ao Brasil para “fazer a América” quanto os luso-descendentes já nascidos no país formavam uma significativa parcela dos trabalhadores da cidade.

O antilusitanismo estava presente nesta sociedade há várias décadas. Herança de um passado colonial repleto de desavenças, conflitos e ódio de diferentes partes, além de uma

(coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: Cepese/Afrontamento, 2007, p. 69-88. Disponível em: [file:///C:/Users/WINDOWS/Downloads/A%20Emigracao%20Portuguesa%20para%20o%20Brasil%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/WINDOWS/Downloads/A%20Emigracao%20Portuguesa%20para%20o%20Brasil%20(2).pdf).

Acesso em: 17 fev. 2023.

²² FRANCISCO, Julio Bittencourt. Brasileirando: Pedidos de cidadania de imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX. **Acervo — Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 189-206, jan./jul. 2016, p. 195. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/628/699>. Acesso em: 14 fev. 2023.

²³ SOUZA, Roberto Ribeiro de. Imigração portuguesa, identidade e representação geográfica: O lugar da casa regional no movimento associativo luso-brasileiro. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 55, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3512/2439>. Acesso em: 17 fev. 2023.

²⁴ LOBO, *op.cit.*, p. 42.

modernidade que despontava juntamente com a recém-proclamada República. É possível constatar que o antilusitanismo já era nutrido há muitas décadas e caracterizava-se como um conflito derivado de uma discriminação nacional, de um fator político e, como vamos ver mais adiante, econômico. Porém, no início do século XX, o antilusitanismo toma para si novas formas e novas características. Falar sobre esse sentimento é também falar sobre uma construção de identidade nacional. “As relações entre estrangeiros e brasileiros (brancos, pretos e mulatos) não eram amenas, sempre amistosas e tranquilas, como o mito da ‘democracia racial’ daria a entender.”²⁵

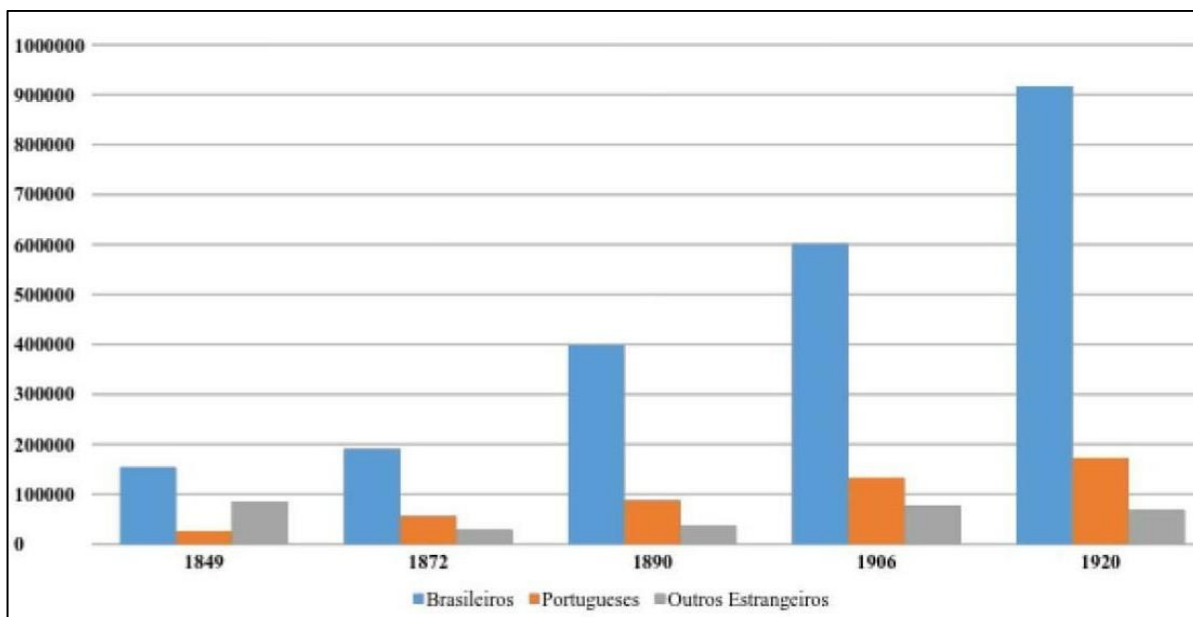
Para entendermos melhor como se configurava o antilusitanismo no Rio de Janeiro, é necessário, em primeiro lugar, entender o contexto da imigração lusitana para o Brasil. Segundo Gladys Ribeiro, “de 1884 a 1930 entraram quatro vezes mais portugueses no Brasil que entre os anos de 1820 e 1883”.²⁶ Na obra *Imigração portuguesa no Brasil*, de Eulália Maria Lahmeyer Lobo, estes dados trazidos por Gladys são corroborados. Os imigrantes portugueses e ainda os luso-descendentes diretos alcançaram a significativa cifra de 267.664 habitantes no Rio de Janeiro, em 1890, em um total da população urbana de 522.651 habitantes. No período de 1891 a 1900, a emigração portuguesa para o Brasil foi de 202.402, um registro levemente inferior ao período de 1901 a 1910 no qual atingiu a cifra de 218.193.²⁷ Outro destaque são os números oficiais trazidos por Eulália Lobo apresentados no recenseamento da cidade do Rio de Janeiro. A autora destaca ainda que poderia haver uma imigração ilegal de portugueses em muitas partes do Brasil, porém, são dados difíceis de serem contabilizados.

Gráfico 1 – Panorama Social e Demográfico da cidade do Rio de Janeiro (1849-1920)

²⁵ RIBEIRO, Gladys Sabina; ESTEVES, Martha Abreu; CHALHOUB, Sidney. Trabalho escravo e trabalho livre na cidade do Rio de Janeiro: Vivência de libertos, galegos e mulheres pobres. *Revista Brasileira de História* (Impresso), São Paulo, v. 5, n.819, p. 85-116, 1985, p. 44.

²⁶ RIBEIRO, Gladys Sabina. *Mata galegos: Os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 9.

²⁷ LOBO, *op.cit.*, p. 42.



Fonte: BRASIL, Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral De Estatística. Censos de 1849, 1872, 1890, 1906 e 1920.

Grande parte desses portugueses desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro, cujo porto era a principal porta de entrada dos portugueses que vinham ao Brasil em busca de novas oportunidades. Muitos eram analfabetos e não apresentavam qualificação profissional, aceitavam a grande parcela dos serviços pesados e muitas vezes de baixa remuneração, atividades que eram antes realizadas pela mão de obra escrava. “Especificamente na cidade do Rio de Janeiro, os portugueses eram considerados pelos patrões como aqueles que trabalhavam duro, de sol a sol, não se importando com as duras condições de vida, higiene, moradia e trabalho.”²⁸ Devido a essa realidade a discriminação sobre os portugueses intensificou-se gradativamente. Ainda segundo Gladys Ribeiro:

O antilusitanismo constituiu-se na resistência por parte da população carioca ao assalariamento e à exploração econômica. Assalariamento porque ao aceitar condições de trabalho que o brasileiro, com toda a sua malandragem, recusaria, praticava uma concorrência desleal no mercado de trabalho. Exploração por monopolizarem o comércio varejista em geral e serem donos da maioria das casas de aluguel da cidade.²⁹

Pode-se perceber como se originou o monopólio dos empregos no comércio pelos portugueses. Segundo pesquisa feita por Lenira Menezes Martinho, “67% dos portugueses que entraram no Brasil em 1827, 44,8% dos que entraram em 1828 e 41% dos que entraram em 1829 destinavam-se a caixeiros”.³⁰ Nos livros de memória do Club de Regatas Vasco da Gama

²⁸ RIBEIRO, 2017, *op.cit.*, p. 43.

²⁹ RIBEIRO, Gladys Sabina. **Cabras e pés-de-chumbo: os rolos do tempo: O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)**. 1986. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987, p. 60.

³⁰ MARTINHO, 1976, p. 50 apud SOUZA, 2005, *op.cit.*, p. 135.

é por vezes citada a origem do clube nas fileiras da “classe caixeiral” do Rio de Janeiro. Nesse contexto é importante destacar que o antilusitanismo também foi uma das alternativas utilizadas para a reconção de uma nacionalidade brasileira. Os portugueses e luso-descendentes eram tidos como o “outro”, aqueles que usurpavam os empregos que seriam destinados aos brasileiros. “O antilusitanismo consolidou-se, também, em razão da necessidade de ruptura com o passado colonial.”³¹ Ainda segundo Ricardo Luiz de Souza, “havia uma nacionalidade ainda um tanto vaga em processo de construção. Tal construção implicava um corte com o passado colonial do qual os portugueses ainda residentes no Brasil eram vistos como herdeiros”.³²

Esse movimento era altamente influenciado pelas classes dominantes para fracionar as classes dominadas, visando a se perpetuar no poder. É nesse cenário de extremo ódio disseminado na antiga capital da República que o Club de Regatas Vasco da Gama é fundado, do mesmo modo como outras entidades portuguesas também foram surgindo ao longo dos séculos XIX e XX. Pode-se destacar a Benemérita Sociedade Portuguesa Caixa de Socorro D. Pedro V, a Associação Portuguesa de Beneficência Memória de Luís de Camões, a Congregação dos Artista Portugueses, o Retiro Literário Português, o Grêmio Republicano Português e muitas outras associações de diferentes tipos, mas que tinha em seu cerne a cultura e o povo luso.

A imigração portuguesa para o Brasil no século XX foi acompanhada de movimento associativo que propiciou a fundação de associações que serviram e servem de referência cultural, apoio econômico e/ou assistência social voltadas para a comunidade portuguesa no Brasil.³³

Tremenda era a necessidade de se fazer frente ao exacerbado preconceito nacional. Pode-se destacar como demonstração desse ódio uma publicação da revista *O Malho*, de novembro de 1931. Tal edição trazia um panfleto com o título “O espantinho do carioca”, um texto discriminatório que mostrava o português como um homem trambiqueiro de grosso trato e que só gastava seu dinheiro com “mulatas e ‘foot-ball’”. O texto ainda cita o Vasco da Gama, clube onde supostamente os portugueses faziam de tudo para conseguir um cargo. Em outro jornal, chamado *O Jacobino*, que circulou nos anos de 1894 a 1896, pregava-se com veemência o antilusitanismo. Aos portugueses eram atribuídos quase todos os males que sofria a capital do Brasil. Em apenas três anos de publicações, esse jornal disseminou o ódio contra portugueses e afirmou vários estereótipos, principalmente ligando os portugueses aos piores tipos de trabalhadores do comércio, colocando-os como homens burros e grosseiros. “O jornal

³¹ SOUZA, 2005, *op.cit.*, p. 134.

³² *Ibidem*, p. 137.

³³ SOUZA, 2007, *op.cit.*, p. 54.

contribuiu também na propagação do termo galego, atribuído de forma pejorativa aos lusitanos.”³⁴

Desta forma, o ato de se impor como uma associação de raízes portuguesas era uma maneira de não se calar diante dos preconceitos e fazer forte resistência contra o sentimento de antilusitanismo. Como já foi dito, não só o Vasco da Gama surgiu nesse contexto:

Desta forma, muitos foram também os clubes dançantes, literários e esportivos, casas regionais portuguesas, vários tipos de associações de portugueses que vinham tentar cobrir o vazio e a saudade da terra natal, além de possibilitar àqueles que carregavam tradições camponesas o sentimento de participação nesse processo de urbanização pelo qual a cidade passava.³⁵

O Vasco da Gama nos anos seguintes à sua fundação conquistou diversos campeonatos no remo e sagrou-se como um dos mais bem-sucedidos clubes de representação portuguesa do Rio de Janeiro. Já em 1904, dois troféus eram ostentados pelo clube: a Prova Clássica Sul-América e a Prova Clássica Jardim Botânico. Nos anos seguintes o clube tornou-se bicampeão de remo da cidade em 1905 e 1906. “O Vasco da Gama já era visto como um dos símbolos da colônia e mais um dos grandes empreendimentos dos imigrantes portugueses no Rio de Janeiro.”³⁶ Fato da história do clube é que muitos cismas ocorreram em pouco tempo no clube, havia discussões internas sobre projetos para o futuro e várias dissidências são notadas ao compararmos as listas dos sócios ao longo dos anos. Essas dissidências podem ter ocorrido por diversos motivos e é de se compreender que entre 187 sócios fundadores as ideias não fossem consensuais, nem poderiam, pois diversas eram as origens desses homens que formaram o clube.

Perfil socioeconômico dos fundadores do Club de Regatas Vasco da Gama

O “Documento da primeira filiação”, contendo as 187 assinaturas de seus fundadores, disponível tanto no livro do memorialista José da Silva Rocha quanto no Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama, foi a base para todo esse trabalho. Curiosamente este documento só foi anexado ao pedido de filiação à União de Regatas Fluminense no dia 24 de outubro de 1898, mais ou menos dois meses após a fundação oficial do clube, fato este ocorrido devido à ausência de alguns dos sócios. Foram 62 os sócios fundadores que estiveram reunidos na Assembleia Geral que fundou o clube, mas, como a própria Ata de Fundação nos diz, entre os próprios eleitos, “alguns d’elles achavam-se ausentes”.

³⁴ RIBEIRO, 2017, *op.cit.*, p. 139.

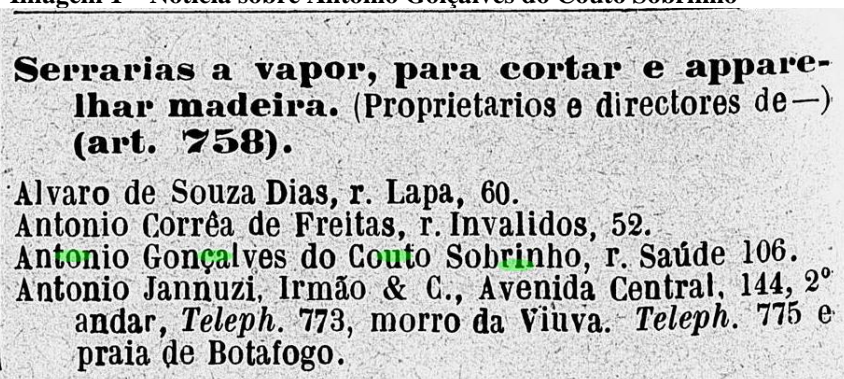
³⁵ SANTOS, *op.cit.*, p. 115.

³⁶ *Ibidem*, p. 118.

Alfabeticamente divididos e dispostos numa tabela, os nomes dos fundadores foram um a um analisados em diferentes arquivos. Busquei analisar a ocupação/profissão desses sujeitos através de verificação intensa para que não houvesse desinformações. A primeira fonte de pesquisa, disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi o *Almanak Laemmert*. Por se tratar de um almanaque administrativo, mercantil, e industrial do Rio de Janeiro, foi o ponto de partida da pesquisa e onde de fato se coletou mais resultados. Posteriormente busquei expandir as pesquisas para os jornais que circulavam à época no Rio de Janeiro, também disponíveis na Hemeroteca Digital. Os jornais pesquisados foram: o *Jornal do Commercio*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *O Paiz*, *A imprensa*, *Gazeta de Notícias*, *O Malho* e *O Jacobino*. Tais jornais continham informações e anúncios essenciais sobre trabalho e prestação de serviço desses sujeitos.

A ausência das fontes originais, no caso as Atas Oficiais do clube, que se perderam com o tempo, é um desafio comum no ofício do historiador. As mudanças de sede do clube em diferentes anos contribuiu para que esses documentos se perdessem. Nas narrativas memorialistas do clube são citadas diferentes cismas que transformavam por diferentes ocasiões o quadro de associados. Em relação a isso, foi possível observar que por vezes era notificado nos jornais um chamado aos sócios para tomarem posse de cargos que encontravam-se vagos. Esta inexistência das fontes originais do clube foi determinante para a utilização dos periódicos e do método de análise quantitativa. Para traçar os perfis socioeconômicos dos fundadores, foram analisadas suas ocupações, que eram trazidas nos informes e propagandas dos jornais. Na imagem a seguir temos um exemplo do processo de análise dos dados trazidos nos jornais, que possibilitou a construção do banco de dados sobre os fundadores do Club de Regatas Vasco da Gama.

Imagem 1 – Notícia sobre Antonio Golçalves do Couto Sobrinho



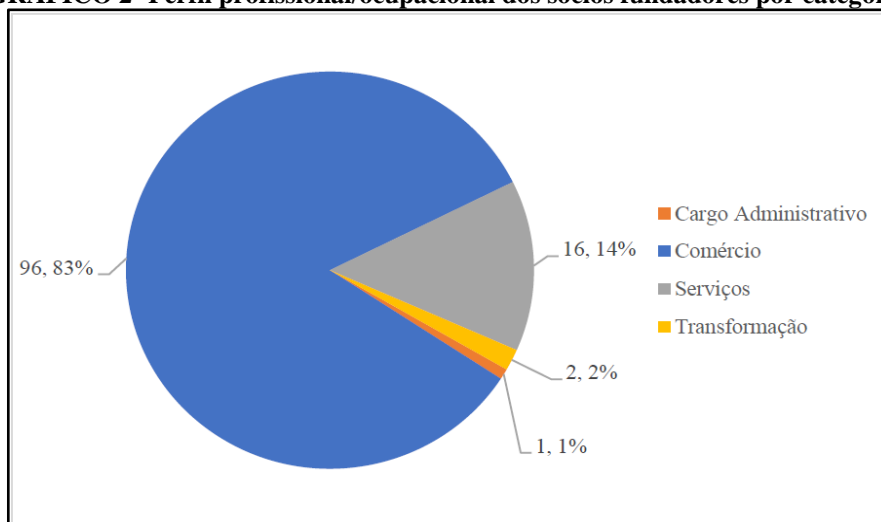
Serrarias a vapor, para cortar e aparelhar madeira. (Proprietarios e directores de—) (art. 758).
Alvaro de Souza Dias, r. Lapa, 60.
Antonio Corrêa de Freitas, r. Invalidos, 52.
Antonio Gonçalves do Couto Sobrinho, r. Saúde 106.
Antonio Jannuzi, Irmão & C., Avenida Central, 144, 2º andar, Teleph. 773, morro da Viúva. Teleph. 775 e praia de Botafogo.

Fonte: SERRARIAS A VAPOS PARA CORTAR E APPARELHAR MADERIA. *Almanak Laemmert*: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. Rio de Janeiro. 1906. Ed. 63. Disponível em:<
<http://memoria.bn.br/DocReader/313394/29331>>.

Na imagem temos um dos nomes correspondentes a um dos fundadores: Antonio Gonçalves do Couto Sobrinho. Por esta correspondência podemos entender que seu trabalho é de sócio/diretor de uma serraria a vapor, localizada na rua da Saúde, número 106. Este é um exemplo do método empregado para a construção desse banco de dados. Sendo assim, todos os 187 nomes foram analisados através deste método. Um problema ao analisar os nomes dos fundadores foi lidar com seus homônimos, muitas vezes aparecendo resultados de nomes iguais mas que diziam respeito a pessoas diferentes, devido a isso alguns nomes que foram verificados não puderam entrar no total, uma vez que não se pode afirmar que de fato aquele sujeito seria realmente um dos fundadores. Esse último ponto diz respeito à forma como encarou-se essa pesquisa: o historiador deve estar pronto para lidar com os movimentos de dedução e indução de suas fontes e os resultados obtidos moldam sua prática historiográfica.

Foram ainda analisados os nomes dos fundadores na “Base de Dados da Entrada de Estrangeiros no Brasil - Porto do Rio de Janeiro”, disponível no Arquivo Nacional, o que somou bastante à pesquisa, revelando também a profissão de alguns fundadores que emigraram para o Brasil. Destaco também o trabalho do historiador Walmer Peres Santana, de suma importância, uma vez que ele também reuniu esforços para a criação de uma catalogação do perfil dos fundadores.³⁷ Cruzando os dados obtidos nas duas pesquisas, foi possível traçar o perfil socioeconômico de 115 dos 187 fundadores totais.

GRÁFICO 2- Perfil profissional/ocupacional dos sócios fundadores por categoria.



Fonte: O autor, 2022. Pedido de filiação do Vasco à União de Regatas Fluminense, 24 de outubro de 1898.

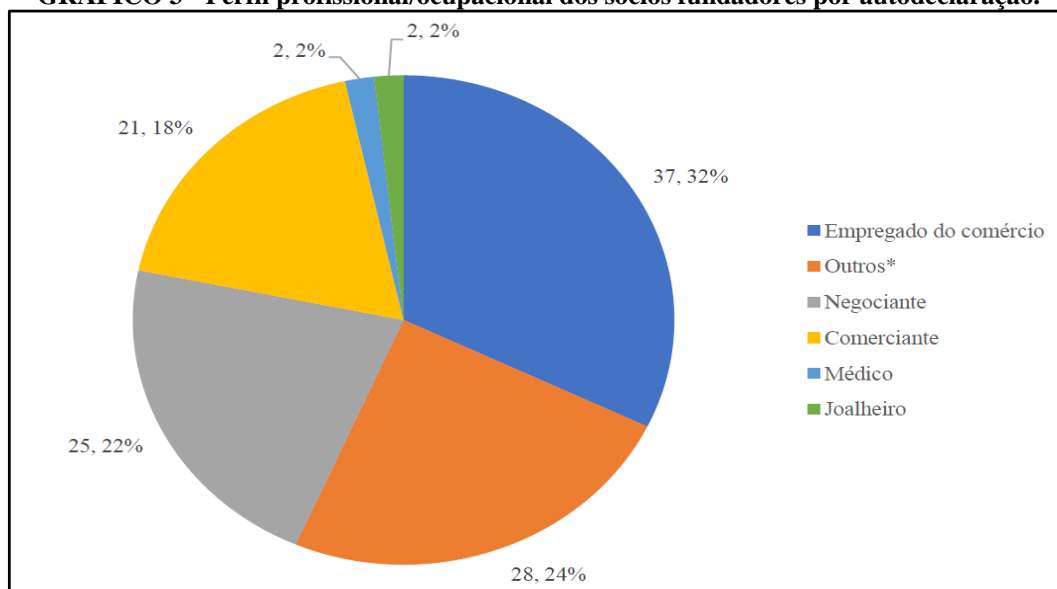
A análise dos 187 nomes nos periódicos e nos diversos outros arquivos, revelou apontamentos curiosamente diferentes, que possibilitaram levantar questões ligadas aos

³⁷ SANTANA, Walmer Peres. **A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)**. Dissertação de Mestrado, UERJ: 2021, p. 94.

fundadores e ao comércio do Rio de Janeiro. Foram escolhidas quatro categorias para adequar a divisão dos trabalhadores: Cargos Administrativos (um fundador, correspondendo à 1% do total), Comércio (96 fundadores, correspondendo à 83% do total), Serviços (dezesseis fundadores, correspondendo a 14% do total) e Transformação (dois fundadores, correspondendo a 2% do total). Fato é que a maioria dos fundadores estava ligada ao comércio, reafirmando a história oficial contada por memorialistas do clube. Entretanto, seria um equívoco aceitar a simplória afirmação de que eram estritamente todos ligados ao comércio e também estaria se ocultando grande parte da história social desse clube de tradição e importância.

A ausência dos demais nomes na pesquisa (72 sócios fundadores) levanta diversos questionamentos e algumas hipóteses. Como já foi dito, uma dificuldade durante a pesquisa foi a questão de nomes homônimos, sendo assim era pouco provável ou até mesmo impossível de analisar qual era o fundador em questão. Porém, a principal hipótese para a ausência dos demais nomes, remete à concorrência por empregos entre lusitanos e brasileiros. É possível que muitos dos nomes ausentes da lista sejam de trabalhadores informais ou até mesmo aqueles que saltavam a toda hora de emprego em emprego, em busca de sobrevivência na cidade. Esta hipótese mostra-se possível, uma vez que já analisadas as demais profissões dos outros sócios fundadores, percebemos que se tratava de um grupo heterogêneo, agregando ao clube diferentes classes em sua fundação.

GRÁFICO 3 - Perfil profissional/ocupacional dos sócios fundadores por autodeclaração.



Fonte: O autor, 2022. Pedido de filiação do Vasco à União de Regatas Fluminense, 24 de outubro de 1898.

Ao analisarmos o gráfico acima, podemos ver a diversidade de empregos que os funcionários possuíam. Podemos perceber que a grande maioria está presente nas fontes como “Empregados do comércio”, onde pudemos identificar 37 fundadores. “Negociantes” e “Comerciantes” representam 22% (25 fundadores) e 18% (21 fundadores), respectivamente. A categoria “Outros”, destacada com um asterisco, corresponde a diversas profissões e ocupações, em sua maioria também ligadas ao comércio. Porém, foi constatada apenas uma menção à dita profissão. Sendo assim, foi decidido destacar profissões e ocupações que eram mencionadas mais de uma vez, como o caso de “Médico” e “Joalheiro”, cada um com 2 fundadores exercendo a profissão.

O perfil plural das ocupações e também do tipo de comércio em que os fundadores trabalhavam ou eram donos nos permite ver quão intensa, dinâmica e heterogênea era a praça de mercado do Rio de Janeiro. O caso do primeiro presidente do clube, Francisco Gonçalves do Couto Junior, é um bom exemplo: O sr. Francisco era um rico comerciante da rua da Saúde, proprietário de uma serralheria a vapor e sócio na empresa Teixeira & Couto. Outras ocupações como barbeiros, médicos, fotógrafos e até mesmo sócios de trapiches, por exemplo, formavam esse seletivo grupo. Desta forma, é possível caracterizar o Vasco da Gama como um clube plural em termos de ocupação, emprego e renda. Sidney Chalhoub definiu assim o mercado de trabalho no Rio de Janeiro:

Seria importante, por exemplo, esclarecer que “mercado de trabalho é este”, pois neste momento seria ilusório pensar que toda situação se resume ao velho esquema do trabalhador despossuído, dono apenas de sua capacidade de trabalho, que se encontra então no tal “mercado” com um capitalista ativo e carrancudo que, detentor dos meios de produção, acena-lhe com a possibilidade de um emprego. Esse esquema não dá conta de milhares de indivíduos que, não conseguindo ou não desejando tornarem-se trabalhadores assalariados, sobreviviam sem se integrarem ao tal “mercado” mantendo-se como ambulantes, vendedores de jogo de bicho, jogadores profissionais, mendigos, biscateiros, etc.³⁸

O antilusitanismo passou a ser pautado numa questão econômica, devido à concorrência por empregos, grande causador desse cenário. A questão política acerca do antilusitanismo havia terminado com a ruptura com o passado colonial, mas o sentimento antilusitano perdurava:

[...] por um lado podemos compreender que as rixas entre brasileiros e portugueses não eram resultantes da antiga colonização, mas sim um sentimento construído pelas disputas no mercado de trabalho já em construção no Oitocentos. E esse antilusitanismo vinha de longe, uma vez que esses imigrantes amealhavam novas possibilidades de vida e acumulavam algum pecúlio, submetendo-se a condições ruins

³⁸ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1986, p. 62.

de trabalho e sendo muitas vezes explorados por brasileiros e por seus próprios conterrâneos.³⁹

É de suma importância destacar este agregamento de diferentes classes sociais na fundação do Vasco da Gama. Como reflexo dessa política plural, iniciada pelo clube luso, o Vasco da Gama elegeu o primeiro presidente negro de um clube carioca logo com seis anos de fundação. José Cândido de Araújo, conhecido como Candinho, era negro e muito benquisto e abastado, era advogado formado e escriturário da Estrada de Ferro Central do Brasil na Estação Marítima da Gamboa.

Em 1904 um feito é conferido ao Vasco da Gama, feito esse de dimensões muito grandes para ser tão pouco comentado e estudado. Ao Vasco é conferida a primazia de ter tido o primeiro sócio negro como presidente de um clube carioca. Apesar da foto de José Cândido de Araújo não revelar muito a cor da pele do presidente do Vasco em 1904, o registro é dado como fato em alguns livros sobre a história do Vasco e da história dos esportes no Brasil.⁴⁰

Outro fato que se pode constatar ao analisar o perfil socioeconômico dos fundadores é que em sua maioria os comerciantes, prestadores de serviço e funcionários do comércio estavam concentrados na região portuária da cidade, bem no centro econômico da capital, como já foi explicado. Tal fato difere o clube e sua formação dos demais clubes, que em sua maioria encontravam-se nos bairros nobres da cidade, frutos da aristocracia carioca. O Fluminense Football Club teve sua fundação em 1902 e sua sessão de fundação foi presidida por Manuel Rios e secretariada por Oscar Cox, como presidente do clube, na residência de Horácio da Costa Santos, na rua Marquês de Abrantes. Em 17 de outubro desse mesmo ano o clube já estava instalado, com sua sede em Laranjeiras, bairro nobre do Rio de Janeiro.⁴¹

Também com origem em Laranjeiras, mais especificamente no Largo do Machado, o Grupo de Regatas do Flamengo surgiu da ideia de José Agostinho Pereira da Cunha que, numa noite em setembro de 1895, perguntou a Nestor de Barros, Mário Spíndola e Augusto da Silveira Lopes o que achavam de fundar um clube para a prática do remo: “era só uma frase, dita numa mesa de bar. Nunca poderiam adivinhar que ela seria a centelha de uma paixão que iria incendiar milhões de pessoas e influir no destino dos esportes no Brasil”.⁴² Em 1891, não satisfeito com o Guanabareense, pois tinha se transformado em um clube de jogatina, o remador

³⁹ RIBEIRO, Gladys Sabina. Alimentando o mito do Eldorado: o intercâmbio de capitais entre Brasil e Portugal. In: SOUZA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Izilda; ARRUDA, Jobson; FERLINI, Vera. (Orgs.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPES, 2014, v. 1, p. 314-335.

⁴⁰ SANTOS, *op.cit.*, p. 117.

⁴¹ NAPOLEÃO, Antônio Carlos. **Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p.7-8.

⁴² CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2001.

Luiz Caldas, conhecido como Almirante Luiz Caldas, um dos diretores do clube, resolveu romper com o mesmo. Fundou o Grupo de Regatas Botafogo, que durou até 1894. A politização de seus membros possuía uma forte tendência antigoverno, o próprio Luiz Caldas era um ávido monarquista.⁴³

Considerações finais

A República que acabara de ser formada tentou ao máximo apagar seu passado colonial. Seja com as reformas urbanas em sua capital, seja com suas políticas de incentivo à imigração ou com os esportes e sua febre. Os esportes desempenharam um papel central na formação cultural e recreativa da cidade do Rio de Janeiro na Primeira República, influenciando valores, identidade urbana e proporcionando espaços de lazer e integração social. Essa influência continua a ser uma parte integral da identidade cultural da cidade e do Brasil como um todo.

A cultura lusitana resistiu nas figuras dos portugueses e seus descendentes e também nas diversas associações portuguesas espalhadas pela cidade. É fato que o antilusitanismo existiu e perdurou por décadas, porém, através do associativismo, os portugueses não só conseguiram manter sua cultura viva como também acabaram por criar laços com a cultura brasileira. O caldeirão etnicocultural que forma a cultura brasileira simplesmente não seria o mesmo sem sua parte lusitana. O Club de Regatas Vasco da Gama é um patrimônio da cidade do Rio de Janeiro e também da história do futebol no Brasil.

Já a análise dos dados mostra-nos que é inegável que a maioria dos fundadores do clube mantinha laços estreitos com o comércio, corroborando, assim, a narrativa oficial perpetuada pelos memorialistas do clube. No entanto, seria uma simplificação demasiada e um equívoco aceitar a afirmação categórica de que todos eles estavam exclusivamente vinculados ao comércio. Tal visão reducionista obscureceria uma parte significativa da complexa tapeçaria social que envolve a história desse clube de tradição e relevância.

Neste artigo são representados mais um capítulo dessa história, uma análise socioeconômica com objetivo de se estruturar na historiografia cruzmaltina. A história de todos os homens e mulheres, trabalhadores, portugueses e brasileiros, brancos e negros que foram responsáveis pela construção e constituição do clube. Numa sociedade extremamente conservadora e elitista, a luta dos pioneiros portugueses fez frente ao antilusitanismo, uma voz que ecoa pela história se posicionando na contramão da elite esportiva carioca. A pesquisa ainda apresenta novos horizontes e possíveis novas abordagens para posteriores trabalhos.

⁴³ PEPE, Braz Francisco Winkler; MIRANDA, Luis Fernando Carneiro. **Botafogo, o glorioso: uma história em preto e branco**. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Brasil, 1996.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- ALVES, Jorge Fernandes. **Os brasileiros: Emigração e retorno no porto oitocentista**. Tese (Doutorado em História Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1993. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7036/3/obrintegral000060978.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: Um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.
- CARVALHO, Candido Fernandes de. **Club de Regatas Vasco da Gama Memória do Cinquentenário 1898 - 1948**. Rio de Janeiro, 1948.
- PEPE, Braz Francisco Winkler; MIRANDA, Luis Fernando Carneiro. **Botafogo, o glorioso: uma história em preto e branco**. Rio de Janeiro: Editora Jornal do Brasil, 1996.
- CASTRO, Ruy. **O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2001.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1986.
- FRANCISCO, Julio Bittencourt. Brasileirando: Pedidos de Cidadania de Imigrantes Sírios e Libaneses nas Primeiras Décadas do Século XX. **Acervo — Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 189-206, jan./jul. 2016, p. 195. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/628/699>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Relações e Registros Sobre a Imigração Portuguesa no Rio de Janeiro. Uma Análise Crítica Das Fontes. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia de Lima; PEREIRA, Conceição Meireles (coord.). **A emigração portuguesa para o Brasil**. Porto: Cepese/Afrontamento, 2007, p. 69-88.
- MELO, Victor Andrade de. Remo, modernidade e Pereira Passos: Primórdios das políticas públicas de esportes no Brasil. **Esporte e Sociedade - Revista do Núcleo de Estudos sobre Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 6, jul./out. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/47997/27908>. Acesso em: 23 fev. 2023.
- NAPOLEÃO, Antonio Carlos. **Fluminense Football Club: história, conquistas e glórias no futebol**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. **O Rio de Janeiro dos fados, minhotos e alfacinhas: O antilusitanismo na Primeira República**. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

RIBEIRO, Luiz Carlos. A modernidade do futebol na História. **Revista Vozes, Pretérito & Devir** - Dossiê Temático: História dos esportes, ano 4, v. 5, n. 1, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/WINDOWS/Downloads/90-194-1-SM%20(3).pdf. Acesso em: 24 fev. 2023.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **Cabras e pés-de-chumbo**: os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio Janeiro (1890-190). 1986. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987, p. 60.

RIBEIRO, Gladys Sabina. Alimentando o mito do Eldorado: o intercâmbio de capitais entre Brasil e Portugal. In: SOUZA, Fernando; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená Medeiros de; MATOS, Izilda; ARRUDA, Jobson; FERLINI, Vera. (Orgs.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPESE, 2014, v. 1, p. 314-335.

RIBEIRO, Gladys Sabina; ESTEVES, Martha Abreu; CHALHOUN, Sidney. Trabalho escravo e trabalho livre na cidade do Rio de Janeiro: Vivência de libertos, galegos e mulheres pobres. **Revista Brasileira de História** (Impresso), São Paulo, v. 5, n. 819, p. 85-116, 1985.

RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata Galegos**: Os Portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ROCHA, José da Silva. **Club de Regatas Vasco da Gama Histórico** - Primeiro Volume 1898 - 1923. Rio de Janeiro, 1975.

SANTANA, Walmer Peres. **A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)**. Dissertação de Mestrado, UERJ: 2021.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 25. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-26102010115906/publico/2010_JoaoManuelCasquinhaMalaiaSantos.pdf. Acesso em: 23 fev. 2023.

SOUZA, Roberto Ribeiro de. Imigração portuguesa, identidade e representação geográfica: O lugar da casa regional no movimento associativo luso-brasileiro. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 54-66, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3512/2439>. Acesso em: 17 fev. 2023.